



AGATHA  
**CHRISTIE**

**O Mistério de  
Listerdale**



## **O Mistério de Listerdale**

Título original inglês

**The Listerdale Mystery**

**1934**

# O mistério de Listerdale

## I

Mrs. St. Vincent estava fazendo as contas. De vez em quando suspirava e passava a mão pela testa dolorida. Nunca tinha gostado de aritmética. Mas por desgraça, de uns tempos para cá sua vida parecia se resumir inteiramente num único tipo de operação: a soma incessante de pequenos itens indispensáveis de despesa que perfaziam um total que jamais deixava de surpreendê-la e alarmá-la.

Não era possível que fosse tanto! Refez todos os cálculos. Havia cometido um erro insignificante na coluna dos pences, mas quanto ao resto estava tudo certo.

Mrs. St. Vincent suspirou de novo. A essa altura a dor de cabeça já era quase insuportável. Levantou os olhos quando a porta se abriu e a filha, Barbara, entrou na sala. Uma garota muito bonita, Barbara St. Vincent tinha herdado da mãe os traços delicados e o formato magnífico da cabeça, mas os olhos eram escuros em vez de azuis e a boca também era diferente, uma boca amuada e vermelha, não destituída de atrativos.

— Ah, mamãe! — exclamou. — Ainda às voltas com essas contas chatíssimas? Jogue tudo no fogo.

— Temos que saber em que pé estamos — disse Mrs. St. Vincent, meio insegura.

A garota encolheu os ombros.

— Na mesma, ora — retrucou friamente. — Na maior penúria. Sem um tostão, como de costume.

Mrs. St. Vincent suspirou.

— Eu gostaria... — começou, mas logo parou.

— Preciso encontrar alguma coisa pra fazer — disse Barbara, com voz resoluta. — E encontrar logo. Afinal, tirei aquele curso de taquigrafia e datilografia. Como quase um milhão de outras moças, por sinal! “Tem experiência?” “Não, mas...” “Ah! Obrigado, passe bem. Nós lhe avisaremos.” Coisa que nunca fazem! Preciso encontrar outro tipo de emprego qualquer... seja lá qual for.

— Por enquanto não, querida — suplicou a mãe. — Espere mais um pouco.

Barbara foi até a janela e ficou olhando para fora, distraída, sem enxergar a fileira de casas encardidas do lado oposto.

— Às vezes — disse, hesitante, — me arrependo de ter ido com a prima Amy pro Egito no inverno passado. Sim, eu sei que me diverti... e que deve ter sido o único divertimento que já tive ou terei em toda a minha vida. Aproveitei muito... aproveitei ao máximo. Mas me deixou abaladíssima. Quero dizer... voltar pra isto.

E fez um gesto largo que abarcava toda a sala. Mrs. St. Vincent acompanhou-o com os olhos e estremeceu. A sala era típica das peças mobiliadas de aluguel barato. Uma aspidistra<sup>1</sup> empoeirada, móveis de mau gosto, papel de parede espalhafatoso, com partes desbotadas. Certos indícios mostravam que a personalidade dos inquilinos tinha lutado com a da proprietária: um ou dois objetos de porcelana de boa qualidade, mas tão rachados e colados que o seu valor vendável era nulo, um bordado cobrindo o encosto do sofá, e um retrato pintado a aquarela de uma moça vestida à moda de vinte anos atrás, que ainda dava para ver que se tratava de Mrs. St. Vincent.

<sup>1</sup> *Planta de origem asiática, que dá uma flor lilás, muito usada como ornamento caseiro na Inglaterra.*

— Não teria importância — continuou Barbara, — se a gente nunca tivesse morado em outro lugar. Mas quando me lembro de Ansteys...

Interrompeu a frase, para não se entregar a reminiscências sobre aquela casa amada com tanto carinho, que durante séculos pertencera à família St. Vincent e agora se achava em mãos estranhas.

— Se ao menos papai... não houvesse especulado... e feito empréstimos...

— Minha cara — atalhou Mrs. St. Vincent. — Seu pai nunca foi, em qualquer sentido do termo, um negociante.

Disse isso de modo categórico, sem se lamentar. Barbara se aproximou e deu-lhe um beijo meio vago, enquanto murmurava:

— Pobre mãezinha. Prometo que não vou me queixar mais.

Mrs. St. Vincent pegou a caneta de novo e curvou-se sobre a escrivadinha. Barbara voltou à janela. Não demorou muito, disse:

— Mamãe. Hoje de manhã, recebi uma carta do... do Jim Masterton. Ele quer vir me visitar.

Mrs. St. Vincent largou a caneta e ergueu vivamente os olhos.

— Aqui? — exclamou.

— Quem sabe a senhora queria que fôssemos convidá-lo para jantar no Ritz? — ironizou Barbara.

A mãe fez uma cara de desagrado. Olhou de novo em torno com profunda aversão.

— Sim, tem razão — concordou Barbara. — É um lugar execrável. Decadência aristocrática! Quem ouve é capaz de logo imaginar uma casinha branca no campo, toda enfeitada de chitão velho de boa padronagem, vasos com rosas, serviço de chá de certa qualidade, que a gente mesma pode lavar. Nos romances é assim. Na vida real, com um filho começando a trabalhar no cargo mais insignificante de um escritório, significa Londres. Senhorias desgrenhadas, crianças sujas pelas escadas, peixes meio duvidosos no café da manhã... e por aí a fora.

— Se ao menos... — principiou Mrs. St. Vincent. — Olhe, para falar a verdade, já está me dando medo de que não possamos sequer conservar esta sala por muito mais tempo.

— Que horror! Então ficaremos com uma peça única... para a senhora e pra mim — exclamou Barbara. — E um armário servindo de biombo para o Rupert. E quando o Jim vier me visitar, terei de recebê-lo naquela sala horrenda, lá embaixo, cheia de solteironas bisbilhoteiras fazendo tricô pelos cantos, olhando para a gente e tossindo com aquele tipo pavoroso de acessos de tosse que elas têm!

Houve uma pausa.

— Barbara — falou por fim Mrs. St. Vincent. — Por que você não... quero dizer... você não gostaria de...?

Parou, avermelhando um pouco.

— Não precisa ser delicada, mamãe — disse Barbara. — Hoje em dia ninguém mais é. Por que não caso com o Jim? Era isso que a senhora ia me perguntar, não é? Olhe, eu casaria no mesmo instante que ele me pedisse. Mas estou com muito medo de que isso não vá acontecer.

— Ah, Barbara, meu bem!

— Ora, uma coisa é ele me ver por lá, com a prima Amy, frequentando (como se diz nos romances água com açúcar) os salões da melhor sociedade, onde ele se interessou mesmo por mim, e outra é ele vir cá e me encontrar nisto aqui! Depois ele é uma criatura engraçada, sabe? Todo cheio de manias e ideias antiquadas. Eu... eu até gosto que ele seja assim. Me faz lembrar Ansteys e o lugarejo... tudo com cem anos de atraso, mas tão... tão... ah! sei lá... tão perfumado. Como alfazema!

Riu, meio que envergonhada do próprio entusiasmo. Mrs. St. Vincent resolveu falar com sinceridade, sem rodeios.

— Eu gostaria de que você casasse com o Jim Masterton — disse. — Ele pertence ao nosso meio. Também tem muito dinheiro, mas isso pra mim não faz grande diferença.

— Pois pra mim faz — retrucou Barbara. — Já ando farta de ser pobre.

— Mas, Barbara, não vá me dizer que é só por...

— Só por causa disso? Não. Mas eu acho que faz, mesmo. Eu... ah, mamãe! será que a senhora não vê que faz?

Mrs.. St. Vincent teve uma expressão de profunda tristeza.

— Quem dera que ele pudesse encontrar você num ambiente mais adequado, minha filha — suspirou, melancólica.

— Paciência — retrucou Barbara. — Que adianta se preocupar? É melhor a gente se esforçar para encarar tudo com otimismo. Desculpe o ataque de rabugice. Coragem, meu anjo.

Curvou-se para a mãe, beijou-lhe a testa de leve e saiu. Mrs. St. Vincent, desistindo por completo dos cálculos financeiros, sentou-se no incômodo sofá. Seus pensamentos giravam em círculos, feito esquilos numa jaula.

— Podem dizer o que quiserem, mas as aparências realmente contribuem para um homem perder o interesse. Se ainda fosse depois... quando estivessem noivos, vá lá. Então ele já saberia como ela é meiga e querida. Mas a juventude tem uma tal facilidade de se adaptar ao ambiente em que vive... O Rupert, por exemplo, não é mais o mesmo. Não que eu queira que meus filhos sejam esnobes. De jeito nenhum. Mas morreria de desgosto se o Rupert inventasse de casar com aquela moça horrenda da tabacaria. Admito que ela possa ser, inclusive, muito simpática. Mas não pertence ao nosso meio. Ah, como tudo é difícil. Coitada da Babs. Se ao menos eu pudesse fazer alguma coisa... seja lá o que fosse. Mas com que dinheiro? Vendemos tudo para ajudar o Rupert. Na verdade não vamos nem poder manter mais isto aqui.

Para se distrair, Mrs. St. Vincent pegou o Morning Post e começou a dar uma olhada nos anúncios da primeira página. A maioria já conhecia de cor. Pessoas à cata de dinheiro, pessoas que dispunham de capital e estavam ansiosas para transformá-lo em notas promissórias, pessoas que queriam comprar dentes (sabe lá por quê), ou que queriam vender peles e vestidos e tinham ideias muito otimistas a respeito do preço.

De repente um anúncio chamou-lhe a atenção. Leu e releu as palavras impressas: “Só para pessoas de fino trato — Pequena casa em Westminster, muito bem mobiliada, oferece-se a quem se prontificar a cuidá-la como merece. Aluguel irrisório. Tratar diretamente com o proprietário.”

Um anúncio perfeitamente comum. Já tinha encontrado vários idênticos... bem, mais ou menos idênticos. A novidade era o aluguel: irrisório

Mas como estava irrequieta e ansiosa para se ver livre de seus pensamentos, pôs logo o chapéu e pegou um ônibus que a deixasse mais perto do endereço mencionado no anúncio.

Resultou que era de uma imobiliária, que nada tinha de nova nem de movimentada — um lugar meio caindo aos pedaços, antiquado. Mostrou o anúncio com certa timidez e pediu maiores detalhes.

O velho de cabelos brancos que a estava atendendo coçou o queixo, pensativo.

— Perfeitamente. Sim, perfeitamente, minha senhora. O endereço dessa casa é Cheviot Place, n.º 7. Quer uma autorização para ir vê-la?

— Primeiro, eu gostaria de saber quanto é o aluguel — disse Mrs. St. Vincent.

— Ah! O aluguel. O montante exato ainda não foi estipulado, mas posso lhe garantir que é absolutamente irrisório.

— Sim, mas a noção de irrisório pode ser muito elástica — argumentou Mrs. St. Vincent.

O velho se permitiu uma risadinha.

— Tem razão, isso é um truque velho... um truque velho. Mas lhe dou minha palavra de que desta vez é diferente. Dois ou três guinéus por semana, talvez, no máximo.

Mrs. St. Vincent resolveu pedir a autorização. Não, naturalmente, que houvesse qualquer possibilidade de que viesse a alugar a casa. Mas tinha curiosidade de vê-la. Afinal de contas, devia apresentar alguma desvantagem muito grande para ser oferecida a tal preço.

Vibrou, porém, ao olhar a fachada do n.º 7 de Cheviot Place. A casa era uma jóia. Estilo Rainha Ana, e em perfeito estado de conservação! Um mordomo atendeu à porta. Tinha cabelo grisalho, um pouco de suíças e a calma pausada de um arcebispo. De um arcebispo muito simpático, na opinião de Mrs. St. Vincent.

Recebeu o papel da autorização com ar benévolo.

— Pois não, minha senhora, tenha a bondade de entrar. A casa está pronta para ser ocupada.

Foi na frente, abrindo portas, indicando as dependências.

— A sala de visitas, o estúdio branco, um banheiro social neste canto, minha senhora

Era perfeita — um sonho. Móveis todos de época, cada peça com sinais de uso, mas envernizados com o maior carinho. Os tapetes do soalho eram de cores bonitas e discretas, antigas. Em todos os quartos havia vasos com flores recém-colhidas. Os fundos da casa davam para o Green Park. O lugar parecia impregnado de um perfume do passado.

Os olhos de Mrs. St. Vincent se encheram de lágrimas, por mais que lutasse para contê-las. Ansteys também tinha sido assim — Ansteys...

Ficou imaginando se o mordomo havia notado a sua emoção. Se havia, era bem educado demais para demonstrar. Ela gostava desses velhos criados; a gente se sentia seguro com eles, à vontade. Como se fossem amigos.

— Que casa mais linda — murmurou. — Lindíssima. Que bom que vim vê-la.

— É só para a senhora?

— Não, também tenho um filho e uma filha. Mas receio que...

Não terminou a frase. A ideia de perder aquela casa lhe era insuportável — inconcebível.

Sentiu instintivamente que o mordomo tinha compreendido. Não olhou para ela, ao declarar de um modo desinteressado, impessoal:

— Ao que me consta, minha senhora, o proprietário exige, acima de tudo, inquilinos adequados. O aluguel para ele não tem importância. Ele só quer que a casa seja ocupada por alguém que realmente goste e tenha carinho por ela.

— Eu teria — disse Mrs. St. Vincent em voz baixa.

Virou-se para ir embora.

— Obrigada por ter-me mostrado tudo — agradeceu cortesmente.

— Não tem de quê, minha senhora.

Ficou parado à porta, todo correto e empertigado, enquanto ela se afastava pela rua afora, pensando consigo mesma:

— Ele notou. Sentiu pena de mim. Também é do meu tempo. Bem que ele gostaria de que eu a alugasse... em vez de um parlamentar trabalhista ou um fabricante de botões! A nossa classe pode estar morrendo, mas permanece unida.

Terminou resolvendo não voltar à imobiliária. Para quê? O aluguel estava ao seu alcance — mas como pagar a criadagem? Uma casa daquelas precisaria de empregados.

Na manhã seguinte encontrou uma carta na bandeja. Era da imobiliária. Oferecia-lhe a locação do n.º 7 de Cheviot Place durante seis meses, por dois guinéus semanais, e continuava: “Supomos que a senhora tenha levado em consideração o fato de que os empregados permanecerão em seus cargos às custas do senhorio, não? É uma oferta realmente excepcional.”

Se era. Ficou tão espantada que leu a carta em voz alta. Seguiu-se um tiroteio de perguntas e ela descreveu a visita do dia anterior.

— Mãezinha dissimulada! — exclamou Barbara. — É realmente tão bonita assim?

Rupert pigarreou e começou um interrogatório judicial.

— Aí tem coisa. Se quer saber a minha opinião, acho muito suspeito. Positivamente suspeito.

— Que nem este ovo aqui — disse Barbara, torcendo o nariz. — Ui! Pra que tanta desconfiança? Isso é bem de você, Rupert, com essa mania de ver mistérios por toda parte. São esses horrendos romances policiais que você vive lendo.

— O aluguel é uma piada — disse Rupert. — Quando se trabalha na City — acrescentou, com ares de importância, — a gente fica sabendo de tudo quanto é espécie de esquisitices. Eu digo pra vocês que aí tem coisa.

— Bobagem — retrucou Barbara. — A casa pertence a um homem de muito dinheiro, que gosta dela e quer que seja habitada por gente decente enquanto ele estiver ausente. É mais ou menos isso. Provavelmente não precisa de dinheiro.

— Qual era mesmo o endereço? — perguntou Rupert à mãe.

— Cheviot Place, 7.

— Epa! — Recuou a cadeira da mesa. — Não estou dizendo? Que sensacional! Foi lá que Lord Listerdale desapareceu.

— Tem certeza? — perguntou Mrs. St. Vincent, em dúvida.

— Absoluta. Ele possui uma porção de outras casas espalhadas por Londres, mas é nessa que ele morava. Uma noite ele saiu, dizendo que ia ao clube, e nunca mais foi visto. Pensaram que tivesse se mandado pra África Oriental, ou coisa que o valha, mas ninguém soube explicar por quê. Podem estar certas, ele foi assassinado naquela casa. A senhora diz que as peças são todas revestidas de madeira?

— É — respondeu Mrs. St. Vincent, quase sem voz. — Mas...

Rupert não lhe deu tempo de continuar. Começou a falar com enorme entusiasmo.

— Estão vendo? Claro que deve haver algum nicho secreto. O corpo ficou escondido lá, onde na certa permanece até hoje. Talvez fosse embalsamado antes.

— Rupert, meu bem, não diga asneiras — atalhou a mãe.

— Deixe de bobagem — disse Barbara. — Você anda indo demais ao cinema com aquela loura oxigenada.

Rupert se levantou todo digno — com o máximo de dignidade que o corpo desengonçado e a fase crítica da adolescência permitem — e pronunciou um derradeiro ultimato: — Pegue essa casa, mãe. Eu esclarecerei o mistério. A senhora vai ver.

E saiu às pressas, com medo de chegar tarde ao escritório.

As duas mulheres se entreolharam.

— Será que dá, mamãe? — murmurou Barbara com a voz trêmula. — Ah! Se a gente pudesse.

— Os criados — lembrou Mrs. St. Vincent, patética, — têm que comer, não se esqueça. O que eu quero dizer é que, lógico que ninguém vai querer que não comam... mas há esse inconveniente. Quando a gente está sozinha... é muito fácil se privar de certas coisas.

Fez um olhar comovente para Barbara, que concordou com a cabeça.

— Precisamos refletir bem — disse a mãe.

Mas na realidade já tinha tomado a decisão. Havia visto o brilho nos olhos da filha. E pensou: “O Jim Masterton tem que encontrá-la num ambiente adequado. Esta oportunidade... é uma oportunidade única. Não posso perdê-la.”

Sentou-se à escrivaninha e escreveu à imobiliária aceitando a oferta.

## II

— Quentin, de onde vieram esses lírios? Sinceramente, eu não posso comprar flores caras.

— De King’s Cheviot, patroa. É um antigo costume da casa.

O mordomo se retirou. Mrs. St. Vincent deu um suspiro de alívio. Que faria sem Quentin? Ele tornava tudo tão fácil. Pensou consigo mesma: “Isto está bom demais para durar. Daqui a pouco eu sei que vou acordar e descobrir que foi só um sonho. Sou tão feliz aqui... já se passaram dois meses, como um relâmpago.”

E, de fato, a vida tinha sido surpreendentemente agradável. Quentin, o mordomo, havia-se revelado como o autocrata de Cheviot Place, n.º 7.

— Deixe tudo por minha conta — dissera, respeitosamente. — A senhora verá que é a melhor maneira.

Todas as semanas apresentava-lhe as contas da casa, com totais assombrosamente baixos. Havia apenas duas outras criadas: a cozinheira e a arrumadeira, ambas simpáticas e eficientes, mas o responsável pela perfeita organização era Quentin. De vez em quando apareciam na mesa pratos de carne de caça e de aves domésticas, causando preocupação a Mrs. St. Vincent. Quentin tranquilizava-a. Vinham de King’s Cheviot, a residência de campo de Lord Listerdale, ou de seu sítio em Yorkshire.

— É um antigo costume da casa, patroa.

No íntimo, Mrs. St. Vincent duvidava de que Lord Listerdale, se não estivesse ausente, concordaria com essas palavras. Sentia-se inclinada a desconfiar de que Quentin andasse usurpando a autoridade do amo. Era óbvio que se tinha tomado de amores por eles e que, na sua opinião, não existia nada que fosse bom demais para os três.

Com a curiosidade despertada pela informação de Rupert, Mrs. St. Vincent tentou fazer uma referência a Lord Listerdale quando tornou a procurar os corretores imobiliários. O velho de cabelos brancos respondeu na mesma hora.

Sim, Lord Listerdale estava na África Oriental, já fazia um ano e meio.

— Nosso cliente é um homem bastante excêntrico — acrescentou, com largo sorriso. — Saiu de Londres de uma forma extremamente insólita, não sei se a senhora se lembra. Não avisou ninguém. Os jornais fizeram grande escarcéu em torno do assunto. Inclusive a Scotland Yard chegou a efetuar sindicâncias. Ainda bem que chegaram notícias do próprio Lord Listerdale, lá da África Oriental. Ele nomeou um primo, o Coronel Carfax, como seu procurador. É quem se encarrega atualmente de todos os negócios de Lord Listerdale. Sim, receio que seja bastante excêntrico. Sempre gostou muito de desbravar terras desconhecidas... é quase certo que levará anos para regressar à Inglaterra, embora esteja ficando velho.

— Não é possível que seja tão velho assim — disse Mrs. St. Vincent, lembrando-se de repente de uma cara impassível e barbuda, meio parecida com a de um navegante da era das descobertas marítimas, que tinha visto certa vez numa revista.

— Já está bem maduro — afirmou o velho de cabelos brancos. — Tem cinquenta e três anos, segundo o Debrett.

Mrs. St. Vincent repetiu essa conversa para Rupert, no intuito de repreender o rapaz.

Rupert, porém, não se deixou impressionar.

— Pra mim isso está ficando cada vez mais suspeito — declarou. — Quem é esse tal de Coronel Carfax? Vai ver que ele herda o título se acontecer alguma coisa com o Listerdale. A carta que veio da África Oriental provavelmente foi falsificada. Daqui a três anos, ou seja lá o tempo que for necessário, esse tal de Carfax pode alegar que o outro morreu, e se apossa do título. E nesse meio tempo assume o controle de todos os bens. Muito suspeito, a meu ver.

Condescendeu, magnânimo, em aprovar a casa. Nos momentos de folga mostrava-se inclinado a bater de leve no forro de madeira e tirar medidas complicadas para a possível localização de uma câmara secreta, mas aos poucos foi perdendo interesse pelo mistério de Lord Listerdale. Também ficou menos entusiasmado em relação à filha do dono da tabacaria. É, o ambiente influi.

Para Barbara, a casa trouxe grande satisfação. Jim Masterton tinha voltado à Inglaterra e fazia-lhe visitas frequentes. Ele e Mrs. St. Vincent se deram maravilhosamente bem e um dia ele disse a Barbara uma coisa que a surpreendeu.

— Esta casa é o cenário perfeito para a sua mãe, sabe?

— Para mamãe!

— É. Foi feita sob medida pra ela! Faz parte disto aqui de uma maneira extraordinária. Sabe, esta casa tem qualquer coisa de estranho, de incrível, de sobrenatural.

— Não comece a bancar o Rupert — implorou Barbara. — Ele está convencido de que o malvado Coronel Carfax assassinou Lord Listerdale e escondeu o cadáver debaixo do soalho.

Masterton riu.

Eu admiro o espírito detetivesco do Rupert. Mas não foi isso que quis dizer. Há qualquer coisa no ar, no ambiente, que não dá para entender direito.

Já estavam há três meses em Cheviot Place quando Barbara surgiu diante da mãe com o rosto radiante.

— O Jim e eu... noivamos. Sim... ontem à noite. Ah, mamãe! Até parece que estou vivendo um conto de fadas.

— Ah, minha querida! Que bom... como tico contente.

Mãe e filha se abraçaram.

— Sabe que o Jim está quase tão apaixonado pela senhora quanto por mim? — disse Barbara por fim, com uma risada travessa.

Mrs. St. Vincent corou de um modo Simpaticíssimo.

— Está sim — insistiu a moça. — A senhora pensou que esta casa seria um cenário perfeito para mim, e durante esse tempo todo ela de fato serviu de cenário para a senhora. O Rupert e eu não ficamos muito bem aqui, ao passo que a senhora sim.

— Não diga bobagens, querida.

— Bobagem coisa nenhuma. Isto aqui tem um ar de castelo medieval, onde a senhora é a princesa encantada e o Quentin é... é... ah!... o mago benigno.

Mrs. St. Vincent riu e concordou com a última comparação.

Rupert recebeu a notícia do noivado da irmã na maior calma.

— Já desconfiava de que vinha qualquer coisa por aí — observou com ar de sabichão.

Estava jantando sozinho com a mãe. Barbara tinha saído com Jim.

Quentin colocou a garrafa de vinho do Porto à sua frente e retirou-se sem fazer barulho.

— Esse cara aí não me engana — disse Rupert, acenando com a cabeça para a porta fechada. — Há qualquer coisa esquisita com ele, sabe? Qualquer coisa...

— Suspeita? — interrompeu Mrs. St. Vincent, sorrindo de leve.

— Ué, mamãe, como é que a senhora adivinhou o que eu ia dizer? — perguntou Rupert, bem sério.

— Porque é uma palavra que você sempre usa, meu bem. Você acha tudo suspeito. No mínimo também desconfia de que foi Quentin quem liquidou com o Lord Listerdale e escondeu o cadáver debaixo do soalho, não?

— Atrás do forro de madeira — corrigiu Rupert. — A senhora sempre confunde um pouco as coisas, mãe. Não, já me informei sobre isso. Na ocasião o Quentin andava lá por King's Cheviot.

Mrs. St. Vincent sorriu para ele, levantando-se da mesa e subindo para a sala do andar superior. Em certo sentido Rupert estava custando a ficar adulto.

No entanto surpreendeu-se pela primeira vez a imaginar por que motivo Lord Listerdale teria partido tão abruptamente da Inglaterra. Devia haver alguma explicação, alguma justificativa para uma decisão tão repentina assim. Ainda estava pensando nisso quando Quentin entrou com a bandeja do café. Não resistiu ao impulso de perguntar.

— Você já trabalha há muito tempo para Lord Listerdale, não é, Quentin?

— É, sim senhora. Desde que eu tinha vinte e um anos.

Isso foi na época do falecido pai dele. Comecei como auxiliar de camareiro.

— Você deve conhecê-lo muito bem. Que tipo de homem ele é?

O mordomo virou um pouco a bandeja, para que ela pudesse servir-se mais comodamente de açúcar, enquanto respondia com o mesmo tom impassível:

— Lord Listerdale era um homem muito egoísta. Não tinha consideração com ninguém.

Retirou a bandeja de café e levou-a embora da sala. Mrs. St. Vincent ficou sentada com a xícara na mão e uma expressão intrigada no rosto. Qualquer coisa naquela resposta, além da opinião externada, lhe soara estranha. Não demorou muito a compreender por quê.

Quentin tinha dito “era” em lugar de “é”. Mas então, ele deve pensar... deve julgar... Passou um carão em si mesma. Estava ficando igual ao Rupert! Viu-se, porém, tomada de uma inquietação bem definida. Mais tarde localizou suas primeiras suspeitas naquele momento.

Com a felicidade e o futuro de Barbara garantidos, teve tempo para se entregar a seus raciocínios que, contra sua própria vontade, começaram a se concentrar em torno do mistério de Lord Listerdale. Qual seria a verdadeira história? Fosse qual fosse, Quentin sabia de alguma coisa a respeito. Que palavras mais estranhas ele havia dito: “...um homem muito egoísta... não tinha consideração com ninguém.” Que esconderiam? Tinha falado como um juiz falaria, com isenção, imparcialmente.

Estaria Quentin envolvido no desaparecimento de Lord Listerdale? Teria tomado parte ativa em alguma tragédia que porventura tivesse acontecido? Afinal de contas, por mais absurda que parecesse a hipótese de Rupert na

ocasião, aquela única carta remetida da África Oriental com uma procuração deixava... bem, margem a dúvidas.

Mas por mais que se esforçasse, não podia acreditar que Quentin fosse capaz de qualquer maldade. Quentin, repetiu a si mesma várias vezes, era bom — ela usou a palavra com a mesma simplicidade que uma criança usaria. Quentin era bom. Mas sabia de alguma coisa!

Nunca voltou a falar no dono da casa com ele. O assunto estava, aparentemente, encerrado. Rupert e Barbara tinham mais em que pensar, e não houve novas discussões.

Foi em fins de agosto que suas vagas conjeturas se cristalizaram em realidades. Rupert tinha ido passar quinze dias de férias em companhia de um amigo que possuía um motociclo com reboque. Fazia uns dez dias que ele havia partido, quando Mrs. St. Vincent levou um susto ao vê-lo entrar correndo na sala onde estava sentada, escrevendo.

— Rupert! — exclamou.

— Eu sei, mamãe. A senhora só esperava me ver daqui a três dias. Mas aconteceu uma coisa. O Anderson... o meu amigo, sabe?... não tinha nenhum lugar especial para ir, por isso sugeri que fôssemos dar uma olhada em King's Cheviot...

— King's Cheviot? Mas por quê... ?

— Mãe, a senhora sabe perfeitamente que eu sempre senti que havia algo suspeito em certas coisas aqui. Pois bem. Dei uma olhada por lá... a casa está alugada, sabe?... e não achei nada. Não que esperasse realmente encontrar qualquer coisa... apenas andei farejando pelos cantos, por assim dizer.

É, pensou ela, naquele momento Rupert se assemelhava muito a um cão. Farejando a esmo, em busca de algo vago e indefinido, levado pelo instinto, entretido e feliz.

— Foi só quando estávamos passando por um lugarejo a uns dez quilômetros de distância de lá que a coisa aconteceu... que dei com ele, quero dizer.

— Ele, quem?

— O Quentin... entrando num pequeno chalé. Esse negócio não está me cheirando bem, pensei cá comigo, e paramos o carro para eu voltar. Bati na porta e ele mesmo veio atender.

— Mas eu não compreendo. O Quentin não arredou pé daqui...

— Já chego lá, mãe. Preste atenção e não me interrompa, viu? Era o Quentin e não era o Quentin, não sei se a senhora me entende.

Lógico que Mrs. St. Vincent não estava entendendo, portanto ele teve que ser mais claro.

— Era realmente o Quentin, mas não o nosso Quentin. Era o verdadeiro Quentin.

— Rupert!

— Escute só. A princípio eu nem queria acreditar, e perguntei: “É o Quentin, não é?” E o camarada respondeu: “Exatamente, moço, esse é o meu nome. Em que posso servi-lo?” Foi então que eu vi que não era o Quentin que conhecíamos, embora fosse absolutamente igual a ele, inclusive a voz. Fiz algumas perguntas, e tudo se esclareceu. O camarada não tinha a mínima ideia de que estivesse acontecendo qualquer coisa de anormal. Havia sido, efetivamente, mordomo de Lord Listerdale, mas já tinha se aposentado e recebido o tal chalé, mais ou menos na época em que se supunha que Lord Listerdale tivesse embarcado para a África. A senhora está vendo aonde isso nos leva. O homem que trabalha aqui é um impostor... fazendo-se passar pelo Quentin, sabe lá com que finalidade. Eu sou da teoria de que naquela noite ele veio à cidade fingindo ser o mordomo de King’s Cheviot, conseguiu falar com Lord Listerdale, matou o coitado e escondeu o cadáver atrás do forro de madeira. A casa é muito velha, com certeza existe algum nicho secreto...

— Ah, não vamos recomeçar com essa história — interrompeu Mrs. St. Vincent, já desesperada. — Não aguento mais. Por que iria ele... é isso que eu quero saber... por quê? Se ele de fato fez uma coisa dessas... que não acredito de jeito nenhum que tenha feito, note-se... qual o motivo pra tudo isso?

— Tem razão — concordou Rupert. — O motivo é o que interessa. Acontece que fiz sindicâncias. Lord Listerdale possuía uma quantidade de imóveis. Nestes últimos dois dias eu descobri que praticamente todas essas casas dele foram alugadas durante os últimos dezoito meses a pessoas como nós, por um preço irrisório... sob a condição de que os criados continuassem no serviço. E em cada uma delas o próprio Quentin... isto é, o sujeito que se faz passar pelo Quentin... trabalhou algum tempo como mordomo. Isso me faz desconfiar de que existe alguma coisa ... jóias, ou papéis... escondida numa das casas de Lord Listerdale, e a quadrilha não sabe em qual. Suponho que se trate de uma quadrilha, mas é bem possível que esse tal Quentin aja sozinho. Há outra...

Mrs. St. Vincent interrompeu-o com certo grau de determinação.

— Rupert! Pare de falar um instante. Já estou com a cabeça zonga. Seja como for, o que você diz é bobagem... essa história de quadrilhas e papéis escondidos.

— Há outra teoria — admitiu Rupert. — Esse tal Quentin pode ser alguém que Lord Listerdale prejudicou. O verdadeiro mordomo me contou uma história comprida a respeito de um cara chamado Samuel Lowe... um ajudante de

jardineiro, que tinha mais ou menos a mesma estatura e o mesmo corpo do próprio Quentin. Ele ficou ressentido com o Listerdale...

Mrs. St. Vincent teve um sobressalto.

“Não tinha consideração com ninguém.”“ As palavras lhe vieram à lembrança com o mesmo tom desapaixonado, contido. Pareciam descabidas, mas o que não significariam?

Distraída, mal escutava o que Rupert dizia. Ele deu uma rápida explicação sobre algo que ela não havia prestado atenção e saiu apressadamente da sala.

Então ela caiu em si. Aonde Rupert tinha ido? Que ia fazer? Não havia entendido direito as últimas palavras dele. Talvez fosse avisar à polícia. Nesse caso...

Levantou-se abruptamente e tocou a campainha. Com a prontidão habitual, Quentin apareceu.

— A senhora chamou?

— Chamei. Faça o favor de entrar e feche a porta.

O mordomo obedeceu e Mrs. St. Vincent ficou um instante calada enquanto o analisava atentamente.

Pensou: “Ele tem sido ótimo para mim... ninguém sabe quanto. Os meninos não compreenderiam. Essa história desvairada do Rupert talvez seja pura tolice... Por outro lado, talvez... sim, talvez... tenha algum fundamento. Como julgar? Não dá pra saber. O que está certo ou errado, quero dizer... E aposto a minha vida... sim, juro que aposto!... como ele é um homem de bem.”

Corada, com a voz trêmula, começou a falar.

— Quentin, o Mr. Rupert acaba de voltar. Ele andou lá por King’s Cheviot... por um lugarejo vizinho...

Parou, notando o rápido sobressalto que o criado não conseguiu disfarçar.

— E viu... alguém — prosseguiu, num tom contido.

Pensou consigo mesma: “Pronto... agora ele já sabe. Seja como for, está prevenido.”

Depois daquele rápido sobressalto inicial, Quentin retomou seu porte impassível, fixando porém o olhar no rosto dela, atento e penetrante, com uma expressão que Mrs. St. Vincent jamais tinha visto. Era, pela primeira vez, o olhar de um homem e não de um criado.

Ele hesitou um pouco, depois perguntou numa voz que também estava sutilmente mudada:

— Por que a senhora está me contando isso, Mrs. St. Vincent?

Antes que pudesse responder, a porta se abriu e Rupert entrou intempestivamente na sala. Trazia junto um homem já maduro, todo digno, com pequenas suíças e um ar de arcebispo benévolo. Quentin!

— Cá está ele — disse Rupert. — O verdadeiro Quentin. Mandei que esperasse lá fora no táxi. Agora, Quentin, olhe para este homem e me diga... é o Samuel Lowe?

Para Rupert foi um momento de triunfo. Mas durou pouco. Quase de imediato, percebeu que havia alguma coisa errada. Pois ao passo que o verdadeiro Quentin parecia envergonhado e muito mal à vontade, o falso Quentin sorria abertamente, sem dissimular o prazer que sentia naquela situação.

Deu uma palmada nas costas do sócia contrafeito.

— Não faz mal, Quentin. Era inevitável que um dia a verdade viesse à tona. Pode dizer a eles quem eu sou.

O digno desconhecido se empertigou todo.

— Moço, este senhor — anunciou num tom de recriminação — é o meu patrão, Lord Listerdale.

### III

O minuto subsequente testemunhou várias coisas. Primeiro, a prostração absoluta do presunçoso Rupert. Antes que pudesse compreender o que estava acontecendo, ainda boquiaberto com o impacto da descoberta, viu-se sendo empurrado delicadamente na direção da porta por uma voz amiga que lhe era, e ao mesmo tempo não era, familiar.

— Não tem a menor importância, meu rapaz. Ninguém vai sair prejudicado por causa disso. Mas quero trocar uma palavra com sua mãe. Você efetuou um ótimo trabalho, me desmascarando desse jeito.

Ficou do lado de fora, no patamar, olhando para a porta fechada. O verdadeiro Quentin estava a seu lado e prontamente se pôs a explicar tudo o que havia acontecido. Dentro da sala, Lord Listerdale se confrontava com Mrs. St. Vincent.

— Deixe-me explicar... se eu puder! Durante a vida inteira fui um monstro de egoísmo... um dia acordei para esse fato. Achei que devia procurar ser um pouco altruísta, para variar, e sendo um louco de marca maior, comecei a fazer as coisas mais fantásticas. Fiz tudo quanto foi espécie de donativos, mas senti necessidade de fazer alguma coisa... bem, alguma coisa pessoal. Sempre tive pena da classe que não pode mendigar, que tem que sofrer calada... gente distinta que cai na miséria. Possuo uma série de propriedades. Concebi a ideia de alugar essas casas a pessoas que... ora, precisassem delas e soubessem valorizá-las. Casais jovens com a vida pela frente, viúvas com filhos e filhas à procura de um lugar ao sol. Quentin tem sido mais que um mordomo para mim: um amigo. Com o consentimento e a ajuda dele, tomei de empréstimo a sua

personalidade. Sempre tive talento para representar. A ideia me veio uma noite a caminho do clube. Fui logo discuti-la com o Quentin. Quando descobri que estavam fazendo um escarcéu em torno do meu desaparecimento, providenciei para que remetessem uma carta minha da África Oriental. Nela eu dava todas as instruções ao meu primo Maurice Carfax. E... bem, em resumo foi isso o que aconteceu.

Parou de falar meio sem jeito, lançando um olhar de apelo a Mrs. St. Vincent. Ela ficou imóvel, muito erecta, e olhou-o bem nos olhos.

— Foi uma ideia generosa — disse. — Totalmente fora do comum, e da qual pode se envaidecer. Sinto-me... muito grata. Mas... o senhor, naturalmente, há de compreender que nós não podemos continuar aqui, não é?

— Já contava com essa — retrucou ele. — O seu orgulho não lhe permite aceitar o que provavelmente chamaria de “caridade”.

— E por acaso não é? — perguntou com firmeza.

— Não — respondeu ele. — Porque eu espero uma coisa em troca.

— O quê?

— Tudo.

A voz de Lord Listerdale ressoou com o tom de quem está acostumado a dominar.

— Quando eu tinha vinte e três anos — continuou, — casei com a mulher que eu amava. Um ano depois ela morreu. A partir de então tenho me sentido muito só. Queria tanto encontrar alguém... a criatura dos meus sonhos...

— E acredita que seja eu? — perguntou Mrs. St. Vincent, em voz baixa. — Já estou tão velha... tão. murcha...

Ele riu.

— Velha? Você é mais moça que qualquer um de seus filhos. Eu sim, é que poderia dizer isso.

Mas a risada dela, por sua vez, ressoou com o som delicado e cristalino de quem acha uma graça imensa.

— Você? Você ainda é um rapaz. Um rapaz que gosta de se fantasiar!

E estendeu as mãos, que ele tomou entre as suas.

**FIM**